



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ROSIVANDO ASSUNÇÃO DE ANDRADE COSTA

**O PAPEL DA INSTITUIÇÃO ESCOLA NA EVASÃO ESCOLAR DE ALUNOS  
USUÁRIOS DE ÁLCOOL E DROGAS**

Juazeiro do Norte  
2020

ROSIVANDO ASSUNÇÃO DE ANDRADE COSTA

**O PAPEL DA INSTITUIÇÃO ESCOLA NA EVASÃO ESCOLAR DE ALUNOS  
USUARIOS DE ÁLCOOL E DROGAS**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Juazeiro do Norte  
2020

ROSIVANDO ASSUNÇÃO DE ANDRADE COSTA

**O PAPEL DA INSTITUIÇÃO ESCOLA NA EVASÃO ESCOLAR DE ALUNOS  
USUARIOS DE ÁLCOOL E DROGAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para obtenção de grau de Bacharelado em Psicologia.

Aprovado em: 14/12/2020

BANCA EXAMINADORA

---

Me. Jéssica Queiroga de Oliveira  
Orientadora

---

Me. Cícero Reginaldo Nascimento Santos  
Avaliador

---

Me. Maria Aparecida Trindade Pereira  
Avaliadora

# O PAPEL DA INSTITUIÇÃO ESCOLA NA EVASÃO ESCOLAR DE ALUNOS USUARIOS DE ALCOOL E DROGAS.

Rosivando Assunção de Andrade Costa<sup>1</sup>  
Jessica Queiroga de Oliveira<sup>2</sup>

## RESUMO

O objetivo desse estudo é refletir sobre a escola em seus aspectos sócio histórico e a evasão escolar de jovens usuários de álcool e drogas. Compreendendo a relação que se estabelece entre a escola em seu papel político e a evasão desses alunos socialmente marginalizados. A escola é tida como uma instituição imprescindível para o desenvolvimento social, mas diante de alunos tidos como “problemas” a escola se vê impossibilitada de cumprir seu papel transformador e essa impossibilidade culmina na evasão desses alunos da escola. Vale salientar que ao evadir o aluno é culpabilizado pela escola e tido como único responsável por sua evasão, sendo pouco questionado os motivos reais pelos quais a evasão ocorreu. Dessa forma, analisar o papel da escola se refere a investigar como a mesma se estabelece na sociedade, a serviço de quem e de quem ela está, e como ela lida com as divergências que ocorrem no processo de ensino, já que o mesmo é dinâmico e não obedece a normas fixas.

**Palavras-chave:** Escola. Evasão. Álcool. Drogas.

## ABSTRACT

The aim of this study is to reflect on the school in its socio-historical aspects, and the school dropout of young alcohol and drug users. Understanding the relationship established between the school in its political role and the evasion of these socially marginalized students. The school is seen as an essential institution for social development, but in the face of students considered “problems” the school is unable to fulfill its transforming role and this impossibility culminates in the evasion of these students from the school. It is worth mentioning that when the student evades, he is blamed for the school and held as the sole responsible for his evasion, with little question being asked about the real reasons why the evasion occurred. Thus, analyzing the role of the school refers to investigating how it is established in society, at the service of who and what it is, and how it deals with the divergences that occur in the teaching process, since it is dynamic and does not obey fixed rules.

**Keywords:** School. Evasion. Alcohol. Drugs.

---

<sup>1</sup> Rosivando Assunção de Andrade Costa. Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: rosivandohbl@gmail.com

<sup>2</sup> Jessica Queiroga de Oliveira. Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: jessicaqueiroga@leaosampaio.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

A educação tem sido um tema amplamente debatido no âmbito da psicologia, e historicamente tem-se direcionado diferentes concepções para o tema educação, desde uma perspectiva salvacionista de educação até a educação libertária de Paulo Freire, bastante difundida nos dias atuais. (GALVÃO 2007). Seria, portanto, impossível falar sobre educação sem falar nos sujeitos envolvidos em seu processo. Sendo o aluno peça fundamental do educar, há de se questionar o termo “evasão escolar” para caracterizar o distanciamento desse aluno da escola em determinados momentos.

O uso de álcool e drogas tem sido apontado como um dos principais termômetros do jovem marginalizado (MATOS, 2010), e entender onde e como ocorre essa marginalização é de suma importância para que se chegue ao cerne da questão que relaciona um fator ao outro. Assim sendo surge o seguinte problema de pesquisa: como o uso de álcool e drogas pode ser entendido no contexto da evasão escolar?

Esse trabalho tem por objetivo geral, compreender o processo de evasão de alunos adolescentes usuários de álcool e drogas, para que isso seja possível temos como objetivos específicos os seguintes pontos: compreender o papel sócio-político da escola na sociedade contemporânea e analisar como a mesma vê o aluno usuário de álcool e drogas.

Portanto, a partir de uma pesquisa bibliográfica, entender a relação entre escola, aluno e evasão, poderá trazer novas possibilidades tornando assim possível um outro olhar que enxergue não apenas os artifícios superficiais da evasão do público mencionado, mas que veja também a escola como envolta no processo de evasão, entendido aqui como sendo multifatorial.

É preciso saber quais são os fatores de influência e os determinantes reais do consumo de álcool e da evasão, ou seja, é necessário saber quando e como um realmente influencia o outro, e acima de tudo se realmente possuem essa relação histórica no decorrer do que se conhece como história da educação.

Tendo em vista o crescimento da desigualdade e a marginalização dos jovens em idade escolar, esse trabalho traz como justificativa os seguintes pontos: sendo esse tema de suma importância para compreensão dos mecanismos que levam a segregação da parcela marginalizada da sociedade e os meios para justificar essa segregação, tendo em conta que a exclusão pode ser entendida como um mecanismo estrutural da sociedade, cabe considerar que o uso de drogas é uma das justificativas encontradas pelo aparelho do estado chamado escola para excluir esses jovens em situação de vulnerabilidade, e se isentar do seu fracasso na missão de educa-los. Pois como descrito por Matias (2016)

Freire (1987) chama o professor para acreditar em seu potencial e conseguir fazer o aluno acreditar neste potencial, que não é exclusivo do professor e/ou do aluno, é humano, é universal é de gente, “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção”.

Educação é entendida, nesse contexto, como a educação formal, o que deixa expresso o dilema entre outras formas de conhecer (geralmente dominados por jovens de comunidades pobres e o conhecimento socialmente difundido, que é transmitido e muitas vezes não assimilado pelos jovens, já que os mesmos tem a sua visão de mundo negada por esse tipo de conhecimento, caracterizando assim a sua desumanização sistemática.

Assim é importante entender a relação entre jovem, escola e conhecimento, bem como o funcionamento dos mesmos na sociedade capitalista, e como essa relação pode ser conflituosa, e ter como norte que a solução, mesmo que parcial, desses conflitos podem resultar na diminuição da evasão escolar, e conseqüentemente em maior efetividade da escola em sua missão de “educar”, sendo o termo usado aqui como sinônimo de integração e acolhimento e não apenas como transmissão de conhecimentos estéreis. Em outras palavras, uma educação humanizada.

## **2 METODOLOGIA**

Esse estudo foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica, que se utilizou de material já publicado e amplamente difundido sobre o tema em questão. Esse método tem como uma de suas características permitir ao pesquisador que o mesmo se utilize de conhecimentos e teorias já comprovadas, e que reforcem ou refutem a hipótese do mesmo na medida em que sejam estudadas. Como a firma Gil (2018 p. 27) “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica é o fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais amplos, com uma modalidade de pesquisa que inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e outras fontes”.

Foram utilizados como critério de exclusão nessa pesquisa, a faixa etária, o nível acadêmico, classe social e o rendimento dos alunos. Por tanto artigos que tratam exclusivamente do rendimento de alunos usuários no contexto educacional, de uso de drogas em contexto universitário, uso de drogas em contextos socioeconômicos específicos, ou semelhantes, foram lidos e em sua maioria descartado para esse estudo. Como critérios de inclusão foram utilizados artigos que tratam da evasão escolar, e que trazem a noção de aspectos políticos, sociais, ideológicos e arbitrários da exclusão. Sendo assim, a seleção de

material se deu por meio de pesquisa na plataforma, no Google Acadêmico e em livros publicados, entre outros da área da psicologia e da educação. Dessa forma, utilizou-se como descritores as palavras “evasão”, “escola”, “inclusão”, “exclusão”, “Álcool”, “drogas”, “Álcool e drogas”, “evasão e uso de drogas”, “evasão e uso de Álcool”, “política” e “educação democrática”, foram o norte para a leitura dos textos.

. Dessa forma a construção do texto tornou-se mais precisa seguindo as etapas da pesquisa bibliográfica, desde a escolha do tema até a construção do texto.

### **3 ASPECTOS POLÍTICOS DA EDUCAÇÃO**

A compreensão de um dever moral surge como forma de estabelecer limites para a liberdade humana, que sendo fraca não seria capaz de lidar com a escolha entre o bem e o mal. Para Chauí (2000) essa concepção é inaugurada pelo cristianismo, que a partir da introdução da ideia de dever, tenta resolver esse problema ético. A partir dessa concepção do dever estabelece-se então as bases da sociedade e das instituições, entre essas a escola.

Se como instituição a escola cumpre o papel de “moralizar” o sujeito, cabe a pergunta: de O que é a educação? Em tese deveria ser o papel da escola em conjunto com outros âmbitos sociais. Aranha e Martins (1995) apontam a educação como humanizadora do homem, segundo as autoras sem ser atravessado pela educação o homem seria equiparado aos outros animais, e citam para reforçar seus argumentos o caso de Kaspar Hauser e seu estado desumanizado por ter sido isolado do contato com qualquer tipo de “educação civilizada” por toda a vida.

No entanto, se a humanização é um produto da educação (aqui vista como toda interação e aprendizagem humana), outros olhares dão conta de que também ela é a origem da desigualdade entre os homens. Tomazi (1993) postula que a é nas relações sociais que se estabelece as desigualdades, pois são nas relações que se instaura a diferença e o poder de uma classe sobre a outra e de instituições sobre todos que fazem parte da sociedade.

É baseado nessa ideia de poder instituído, na ideia de legitimação do domínio e na desigualdade, que nasce no âmbito educacional a ideia de “colonialidade do saber”, essa ideia refere-se ao saber restrito, a legitimação de um tipo apenas de saber (o eurocêntrico) como o saber que deve ser aprendido por todas as culturas, para que se possa ser aceito como participantes da educação e conseqüentemente da “humanização” que é produto da mesma. Figueiredo (2012) traz a ideia de descolonialidade ao apontar o trabalho de Freire como ponto de partida para a valorização do saber do sujeito no processo educacional, valorizando a sua

cultura, seu contexto, seu conhecimento de mundo e seu saber subjetivo como parte do seu próprio processo de aprender.

Por muito tempo o termo usado para caracterizar o deslocado do contexto escolar foi “fracasso escolar”. Esse termo era utilizado pelas instituições escolares e se referiam aos alunos que não alcançavam padrões suficientes em suas avaliações. (WEISS, 2004). Entretanto esse olhar unilateral não traduz de fato o que se entende como fracasso, pois se vários sujeitos são envolvidos no processo (escola, professor, sociedade, aluno) então não há como dizer que apenas um deles fracassou. A autora então estabelece que o olhar sobre o fracasso escolar deve ser analisado sob três perspectivas diferentes, a da sociedade, a da escola e a do aluno.

Socialmente, o uso de álcool e outras drogas, está associado a fatores negativos relacionados ao desempenho, a saúde física dos sujeitos, a relações interpessoais conflituosas, problemas com a polícia e pôr fim a reprovação escolar (MALTA, 2011). Entretanto, o autor constata que há prevalência de 71,4% de uso de álcool entre adolescentes do nono ano, e que esse índice se torna variável quando leva-se em conta o sexo, o tipo de escola (se pública ou particular), a cidade, e fatores socioculturais.

### **3.1 O Aluno as “Margens”**

No contexto escolar, o uso de álcool e outras drogas está relacionado a mau desempenho, reprovação, atrasos, desistência, dentre outros, mas o fato de os alunos gostarem da escola se mostrou um fator protetor contra o uso de drogas e álcool, sendo possível identificar a escola como variável de influência em alunos que se abstém do uso de tais substâncias, como afirma uma pesquisa realizada por Cardoso e Malbergier (2014).

Quando levado em conta fatores biológicos, Moura, Prioto e Guerin (2018) ressaltam que o Álcool especificamente, está associado ao comprometimento da área do cérebro responsável pela atenção, memória e concentração. Mas os autores deixam claro que fatores do contexto familiar e do contexto social estão relacionados ao consumo, e propõem também, que a escola possa assumir o papel de interventora para prevenir o uso de álcool nessa fase da vida de seus alunos. Ressaltam ainda que para entender a evasão é preciso ter em conta que no Brasil há diferentes termos que precisam ser avaliados, tais como evasão, abandono e fracasso escolar, e que em sua grande maioria denotam as fases de um mesmo processo, que se traduz pela singularidade do que seja a educação no país, que se apresenta como desagregadora e que por tanto torna-se por si mesma contribuinte da evasão de seus alunos.

Bock, et al. (2001) chama a atenção para esse distanciamento entre a escola e seus alunos, e aponta dois aspectos dos diversos problemas da escola, o aspecto teórico e o prático. Para o autor as teorias pedagógicas são concebidas considerando a escola como uma instituição a parte da sociedade, já que consideram a sociedade como a raiz dos males que acometem os jovens as mesmas são criadas como forma de proteger o jovem desses “males” e criam o que o autor denomina de clausura escolar. Na clausura escolar muros são construídos para que a realidade social não penetre a imaculada realidade escolar, mas essa realidade entra pela porta dos fundos e se insere na escola sem que esta possa prever suas consequências.

No aspecto prático o autor traz que a escola é pensada para preparar o aluno para os desafios sociais, mas a sua prática é distante da realidade social uma vez que a mesma se isola dessa realidade e desconhece sua dinâmica. Então a escola prepara teoricamente o aluno para uma sociedade teorizada por ela mesma, o ensino torna-se genérico e distante do que é vivenciado pelos seus alunos dos portões da escola para fora, por tanto torna-se um conhecimento de pouca utilidade prática para o aluno. (BOCK. et al.2001).

### **3.1.1 Os desencadeantes da evasão**

A evasão é entendida por Bock et al. (2001) como “uma sequência de tensões, fracassos, desencorajamentos, desinteresse dos professores, reprovações”, que acabam por criar o cenário ideal para a desistência do aluno, uma vez que essas tensões combinadas com o conhecimento vazio de significado coloca o aluno a caminho da busca por outros meios para sua auto formação. Segundo o autor o caminho na construção da escola foi invertido, pois a escola deveria ser criada para o aluno e não o aluno para a escola.

Para a compreensão dessa tensão Dalbosco (2011) investigou a visão do educador sobre o uso de álcool por seus alunos. Segundo a autora o uso de álcool e drogas está para além do indivíduo, tendo relação direta com seu ambiente sócio cultural, contexto familiar e sócio econômico. Para a mesma o professor não está preparado para lidar com o uso de drogas por seus alunos, e principalmente quando este se dá no ambiente da escola, Dalbosco (2011) afirma que o professor não sabe que ações são necessárias frente a esse problema, não tem conhecimentos a respeito e nem conhece as causas de tal fenômeno.

A escola carente de políticas de prevenção não pode intervir frente ao problema, e por consequência não capacita o professor para o enfrentamento. Para Dalbosco (2011) não faltam políticas públicas, mas o problema é que elas nunca chegam ao endereço certo. A autora entende o problema do uso de drogas como sendo de múltipla responsabilidade, não

direcionando a culpa apenas a escola como instituição, mas a todo um sistema que coopera para que o problema ocorra e persista culminando assim na evasão do aluno e na incapacidade da escola e dos professores de agir para intervir nos casos existentes e na prevenção de novos.

No que tange a responsabilidade da escola Dalbosco (2011) enfatiza que a escola tem fracassado no que se refere a produção de sentidos. Ao adotar um padrão de ensino mecanicista, a escola renega a qualidade de sujeito que o aluno tem, ficando o mesmo sem apego a qualquer tipo de signo que ligue a sua afetividade as vivencias escolares. Desse modo o aluno que já está vulnerável por suas condições de vida fora da escola, torna-se ainda mais vulnerável ao não encontrar na escola os vínculos que lhe dariam alternativas para a não escolha da droga como subterfugio.

Um fator importante nas investigações de Dalbosco (2011) é o encaminhamento do aluno em situação de uso, segundo a autora sempre que o problema com drogas é identificado o aluno é encaminhado para a direção da escola, para os pais, e em casos extremos para a polícia. Para a autora esses diferentes encaminhamentos desdobram-se em diferentes formas de ver, uma vez que direção, pais e educadores têm relações diferentes com os alunos e por consequente com a situação problema. Não há por tanto um entendimento comum, e o professor (mais próximo do aluno quando o problema acontece) raramente lida com a situação, uma vez que não há preparo para que o mesmo lide com esse tipo de demanda.

#### **4 USO DE ÁLCOOL COMO FATOR DE EXCLUSÃO (EVASÃO)**

O uso de álcool está posto em diversos estudos como fator desencadeante da evasão escolar. Mas cabe a pergunta; qual a prevalência desse tipo de substância entre alunos adolescentes? Vieira (2007) aponta que 62% dos alunos, de faixa etária entre 11 a 21 anos, de escolas públicas e particulares da cidade de Paulina – SP, utilizaram bebida alcoólica pelo menos uma vez na vida. E desses, 24% usaram álcool de forma excessiva culminando em embriaguez. O uso de álcool foi apontado pelo autor como desencadeante de comportamentos de risco, mesmo seu uso moderado podendo culminar em comportamento tidos como arriscado para os jovens.

Entre os fatores de risco para o adolescente, faltar as aulas foi apontado como um comportamento comum entre os usuários de álcool. Giacomozzi et al. (2012) afirma que 61% dos alunos que declaram ter usado álcool, mesmo que em algum momento da vida e relatam também faltar as aulas. Esse percentual estabelece a relação entre uso de álcool e falta as aulas, sem que os resultados sejam precisos sobre a correlação. Outra correlação importante é

o contexto social que os sujeitos estão inseridos, 39,3% dos entrevistados usuários de álcool, relataram que há uso na família, e esse número sobe para 49,6% se a substância usada for a binge.

Vários termos tem sido utilizados para caracterizar a saída do aluno do ambiente escolar. Esses termos variam desde abandono, evasão, fracasso, dentre outros. Os motivos para que a saída do aluno aconteça podem ser vistos de forma variada, e o uso de substância não necessariamente pode ser um fator determinante para a permanência ou afastamento do aluno. Moura (2020) aponta que usuários de álcool podem ser apontados como grupo de risco para a evasão da escola. Entretanto, a autora chama a atenção para os fatores que circundam o aluno usuário de álcool que se evade da escola. Pois para além de consumidor de álcool, esse adolescente tem características que também são apontadas como fator de evasão, são elas: condição socioeconômica, renda familiar per capita, escolaridade dos pais, e problemas institucionais da escola.

Evasão então é colocada como um ponto conexo ao uso de álcool, mas que se estende para além disso, e para justificar isso a autora usa as palavras de Patto, afirmando que um fracasso produzido no cotidiano da vida na escolar e na produção do mesmo, está envolvido diversos aspectos, como: estruturais e funcionais (dentre outros do sistema educacional), concepções de ensino e de trabalho e preconceitos e estereótipos sobre a sua clientela mais pobre. Estes preconceitos, não são características, apenas dos educadores atuantes em sala de aula, estão disseminados na literatura educacional há muitas décadas, como ideologia, ao se pretender neutro e objetivo, o discurso científico participa de forma decisiva na produção das dificuldades de escolarização das crianças das classes populares (PATTO, 1997, apud MOURA, 2020).

Dessa forma o que se observa é que o perfil dos alunos usuários de álcool tem características que tornam indeterminantes as associações entre evasão e consumo, uma vez que exercem força de variável na correlação. Almeida (2013) ao traçar o perfil do aluno da rede de ensino público usuário de álcool, descreve que há maior prevalência de uso entre alunos cujos pais são separados, que tem problemas na relação com os pais.

Segundo o autor o que tange a relação entre os pais, o uso de álcool é maior quando os pais do aluno são separados. Alguns estudos afirmam que um ambiente familiar conturbado por traumas, brigas, agressões e separação está associado a um maior consumo de bebidas alcoólicas pelos estudantes, indicando que o uso dessa substância pode ser vista como uma válvula de escape dos problemas familiares. “Há estudos mostrando que os modelos familiares e culturais influenciam no consumo do álcool por adolescentes: os mais

consumidores tendem a ser jovens cujo relacionamento com os pais não é caloroso, o ambiente familiar não é bem ajustado e os pais são muito autoritários ou demasiadamente permissivos” (ALMEIDA, 2013, Pg. 07).

Seria então, inviável, atribuir a evasão a um fator específico, pois a mesma compõe um conjunto de fatores que juntos somam para que a evasão aconteça. Entretanto vale destacar que historicamente a escola tem utilizado de fatores pontuais para mascarar a sua responsabilidade diante do fracasso do aluno, atribuindo apenas a ele a responsabilidade por sua desistência, e encobrando a importância das condições que deviam ser fornecidas para que o aluno aprenda. Santana, Silva e Guimarães (2015) destacam a amplitude dos fatos que culminam na evasão do aluno, e chamam a atenção para a naturalização desse fenômeno. Para eles a escola naturaliza o fracasso escolar, atribuindo ao aluno a inteira responsabilidade por ele, como se a mesma não tivesse consciência dos aspectos sociais mais amplos envolvidos no processo, os autores abordam ainda que mesmo que não houvesse consciência disso por parte da escola, isso não justificaria a naturalização do fenômeno evasão. É constatável que o projeto político pedagógico em sua totalidade, sustenta-se apenas em um discurso teórico, e a escola se coloca apenas como “boa”, isentando-se da responsabilidade quando falha em cumprir seu papel.

#### 4.1 ÁLCOOL E EVASÃO ESCOLAR, JUSTIFICAR OU ACEITAR?

Não há na literatura a correlação entre uso de álcool e evasão escolar especificamente, mas é constatável a associação da evasão sempre a fatores externos a escola. A evasão é tida como responsabilidade do sujeito, do meio, de fatores socioeconômicos, sócio-históricos, e até mesmo a fatores socio políticos. A escola surge sempre, como já referido no início deste trabalho, como salvadora da sociedade, como redentora dos problemas sociais causados pelo homem. Fornari (2010) compreende esses apontamentos, como uma tentativa baseada no senso comum de justificar os fatores que levam a evasão. Para a autora a evasão se pauta em três dimensões, social, política e ideológica. A escola está segmentada na última dimensão e internamente a evasão é atribuída como:

... decorrentes de dois fatores: 1. Da maneira como a escola se organiza e, dentro disso, da postura adotada pelos professores em relação não apenas ao aluno, mas, inclusive, à história desse aluno; 2. De qual herança cultural, social e econômica o aluno dispõe como base para seu desenvolvimento intelectual (FORNARI, 2010, Pg. 122).

Entende-se então, baseando-se nas ideias de Fornari (2010), que há um “desconsiderar o sujeito”, dentro da instituição escola. A escola compreende o sujeito como um produto, resultado da aplicação de uma técnica, e se com a técnica aplicada o resultado não for o esperado, então há um erro no produto e não na técnica, o produto então é descartado, dando lugar a outro que seja passível de receber a técnica e gerar o resultado que ela supostamente produz. Por esse viés a evasão acaba que sendo intencional, inerente as formas de organização do capital, e não podem e nem devem ser atribuídas a um fator tão restrito como o uso de álcool.

## **5 DROGAS ILICITAS NA ESCOLA**

É importante a separação entre os contextos envolvendo as drogas lícitas e ilícitas, pois dentro da escola as duas são encaradas de modo totalmente diferente. Apensar de o álcool ser apontado pela escola, como problema de saúde pública e causa de evasão, seu uso é tolerável e tratado pela escola com olhar diferenciado. Para Bittencourt, França e Goldin (2015), o uso de drogas ilícitas no contexto escolar se constitui uma infração legal. Isso significa que o problema transcende a esfera educacional, e atinge dimensões extra pedagógica, as vezes culminando em caso de polícia.

Fica então evidente que há ilicitude diferencia a postura da escola frente ao consumo de Substâncias Psicoativas (SPA). Tornando a desresponsabilização da escola ainda mais fácil, uma vez q não é papel da escola lidar com o que não é unanimemente pedagógico. Entretanto há uma postura esperada da escola, em relação aos que dela fazem parte.

O ambiente escolar precisa se tornar um espaço de construção e reflexão, e para além disso, precisa acolher os seus alunos de forma que lhes permita participar da criação de estratégias de ensino que lhes serão dispensadas, de forma que juntos (aluno e escola), possam construir uma nova realidade. Quando a escola não se posiciona de forma democrática, a mesma dificulta o progresso dos seus alunos, e agiganta os desafios que o mesmo já enfrenta para a formação da sua personalidade. A evasão escolar traduz-se nesse agigantamento, pois culmina no afastamento total da escola, e reduz as possibilidades de enfrentamento das dificuldades sociais que o aluno já enfrenta, sendo uma delas o uso de drogas. O que se constata é que a evasão escolar, somado aos outros desafios sociais do aluno, contribuem para a procura pela droga, como subterfugio para a sua angustia de ter que enfrentar todos os dias o fracasso, já que a droga promove o prazer imediato (BITTENCOURT, FRANÇA e GOLDIN, 2015).

Estar fora da escola é um agravante para a problemática do uso de SPA. e a evasão que é vista como causada pelo uso, acaba sendo agravante do mesmo. lidar com o problema das drogas é responsabilidade de todos, escola, família e sociedade, devem ter igual responsabilidade na lida, uma vez que é um problema de saúde pública. Bittencourt, França e Goldin (2015) também relatam sobre a importância de profissionais qualificados para esse tipo de demanda no âmbito da escola. Hoje o que se pode ver é a escola com apenas profissionais atuantes na área pedagógica, da gestão e de serviços operacionais. Não há na escola (apesar de se haver demanda) profissionais de psicologia, de serviços sociais, entre outros. Sempre essas demandas são encaminhadas para outros departamentos, como CAPS.

A falta de profissionais qualificados para lidar com a demanda, o despreparo da escola e as desigualdades e marginalização, acaba por afastar esse público da escola, aumentando assim a estatística dos evadidos, dos analfabetos e dos que estão em fases escolares incompatíveis com sua faixa etária. Leite, Botelho e Lima (2019) afirmam que há uma constatação de que boa parte dos sujeitos que se declaram usuários de SPA. não estão na escola, e os que estão cursam supletivo ou fazem algum programa semelhante. Todavia a retomada fora de tempo traz consigo impasses que dificultam a permanência nos estudos e facilitam nova desistência. É comum que o medo, a vergonha e os estereótipos desmotivem o aluno. Como no caso citado pelos autores de um jovem de 16 anos, que ao pedir ajuda a pedagoga diz: “eu preciso aprender a falar, para poder trabalhar.” Ao ser objetado de que sabia falar, ele explica: “do jeito que eu falo todo mundo acaba sabendo que não tenho estudo, só falo gírias”.

Entende-se então que o uso de drogas ilícitas surge em um determinado contexto, não como fator isolado, que causa desajuste ao contexto no qual surge, mas como problema social sobre o qual se precisa agir:

Compreender a questão do uso e do abuso de drogas ilícitas significa dar sentido à complexidade das relações sociais e familiares, na qual estes comportamentos enraízam-se. Sobretudo entender o comportamento como uma síndrome sobre a qual se terá de atuar, mas também como sintoma de um processo social maior, também sobre o qual será necessário atuar (HERMETO, SAMPAIO e CARNEIRO, 2010, Pg.13).

O comportamento ganha aqui uma amplitude em seu significado, os autores não veem o comportamento como algo apenas inerente a vontade do sujeito, mas como um sintoma que denuncia um problema da estrutura social ampla, da forma de organização da sociedade como um todo. Entende-se por essa sociedade total, os meios de produção, a organização do capital, a ideologia social, as instituições (dentre elas a escola). Esses problemas estruturais assumem

formas tão amplas que De Castro e Dos Santos Rosa (2010) afirmam que cada país, a depender da sua cultura e estrutura socioeconômica, tem seu cenário próprio sobre o uso de drogas. Há países com políticas mais intolerantes, outros com políticas mais permissivas e outros com políticas omissas, e a escola receberá as influências macro políticas advindas da maneira que o estado lida com a questão das drogas estruturalmente falando.

Fauro (2016), propõe a construção conjunta de uma solução para o problema das drogas no âmbito escolar, o autor em seu projeto diz que o envolvimento dos alunos na construção das soluções faz surgir engajamento entre os mesmos, e os torna protagonistas da solução e superação dos problemas. A implementação de rodas de discussão e construção de soluções é proposto pelo autor como forma de fortalecer o vínculo entre escola e comunidade, e como forma também de a escola mergulhar no universo do aluno, em sua cultura, em seu pensamento e em sua subjetividade, deixando de vê-lo como problema e passando a vê-lo como sujeito.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A escola a muito é convocada a se reinventar para atender as demandas que as transformações sociais fazem surgir, a despeito disso a mais recente mudança de ensino presencial para ensino remoto, tendo em vista a pandemia do vírus SARS-CoV-2, popularmente conhecido como Corona Vírus, que atravessou o mundo. Isso nos mostra que quando é preciso e quando conveniente a escola se transforma para que os interesses hegemônicos sejam atendidos. Interesses esses que surgem no topo da pirâmide social e que se direcionam para a escola, que é sustentáculo dessa estrutura organizacional da sociedade vigente.

A não resolução de problemas que se arrastam historicamente, diz respeito a um posicionamento alheio, a falta de implicação da escola para com esses problemas, uma vez que são sentidos como sintoma da desigualdade, da evidente exploração de uma classe sobre a outra, e lidar com essas demandas exigiriam o enfrentamento do modelo social Neo Liberal, o enfrentamento dos privilégios da classe dominante e a reformulação do próprio sistema de ensino.

A proposta de Freire (1996) de uma educação produzida nas classes dominadas, de uma educação dos oprimidos, tem sido duramente criticada nos dias atuais. A crescente onda conservadora que se alastra pelo mundo, desde a derrocada dos governos de esquerda, especificamente a derrota de Hillary Clinton nos Estados Unidos, e o Impeachment de Dilma

Rousseff, assim também como a larga vitória de Jair Bolsonaro a presidência da república, são sintomas da adesão a críticas de ideologias das massas, que propunham um modelo educativo surgido de todos e não “para todos” como é proposto.

Quando se questiona o papel da escola o que se vê é que ela ainda se encaixa em determinações antigas, como a de Louis Althusser (1985), que a descrevia como “aparelho ideológico do estado. Os problemas sociais que surgem como sintoma nas massas, entre eles o uso de drogas e álcool, só serão vencidos quando a solução partir também das massas onde os sintomas surgem. Em geral o que se constata é que a ideia de uma solução sempre nasce no topo da pirâmide, justamente onde não há interesse na solução do problema. Dessa forma quando se cria uma teoria não se fornecem os meios, quando se tem os meios falta estratégias e quando se tem estratégias não há espaço para a sua aplicação. A ideia Freiriana de uma educação que emane da massa para a massa, faz sentido na atualidade, onde educação torna-se a principal forma de dominação e segregação. Superar a problemática do uso de drogas implica no diálogo com o usuário, e a evasão aparece como a barreira que separa a escola e o sujeito para que esse diálogo não ocorra.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jamila Felix, et al. **Uso de álcool entre estudantes de escolas da rede pública de ensino**. Revista de Enfermagem UFPE on line, 2013, 7.2: 397-406.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985, 2.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda.; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia**. São Paulo. Moderna, 1998.

BITTENCOURT, Ana Luiza Portela; FRANÇA, Lucas Garcia; GOLDIM, José Roberto. **Adolescência vulnerável: factores biopsicosociais relacionados al uso de drogas**. Revista Bioética, 2015, 23.2: 311-319.

BOCK, Ana. Mercês Bahia. et al. A escola. **Psicologias: Uma introdução ao estudo da psicologia**. 14º ed. São Paulo: Saraiva, 2001. P. 261- 275.

CARDOSO, Luciana Roberta Donola; MALBERGIER, André. **Problemas escolares e o consumo de álcool e outras drogas entre adolescentes**. Psicologia Escolar e Educacional, 2014, 18.1: 27-34.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo. Ática, 2000.

DALBOSCO, Carla. **Representações sociais de educadores de escolas públicas sobre situações-problema relacionadas ao uso de álcool e outras drogas**. 2011. xvi, 212 f. Tese (Doutorado)-Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

DE CASTRO, Magali Sampaio; DOS SANTOS ROSA, Lúcia Cristina. **Prevenção do uso de drogas: adolescência, família e escola**. 2010.

DE MOURA, Fernanda Carminati; PRIOTTO, Elis Maria Teixeira Palma; GUERIN, Cintia Soares. **Álcool: uma das causas na evasão e abandono escolar do adolescente**. Revista Valore, 2018, 3: 587-595.

DICKMANN, Ivo. **Contribuições do pensamento pedagógico de Paulo Freire para a educação socioambiental a partir da obra pedagogia da autonomia**. Produção de terceiros sobre Paulo Freire; Série Dissertações, 2010.

FAURO, Janice Costa da Silva. **Prevenção ao uso de drogas no ensino fundamental: um projeto de intervenção**. 2016.

FIGUEIREDO, João Batista de Albuquerque. **Paulo Freire e a descolonialidade do saber e do ser**. Formação humana e dialogicidade III: encantos que se encontram nos diálogos que acompanham Freire. Fortaleza: UFC, 2012, 66-88.

FORNARI, Liamara Teresinha. **Reflexões acerca da reprovação e evasão escolar e os determinantes do capital**. Revista Espaço Pedagógico, 2010, 17.1.

FREIRE, Paulo. **Pedagogy of the oppressed** (revised). *New York: Continuum*, 1996.

GALVÃO, Roberto Carlos Simões. **Educação, cidadania e trabalho**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, 2007. 171-191.

GIACOMOZZI, Andréia Isabel et al. **Levantamento sobre uso de álcool e outras drogas e vulnerabilidades relacionadas de estudantes de escolas públicas participantes do programa saúde do escolar/saúde e prevenção nas escolas no município de Florianópolis**. Saúde e sociedade, v. 21, n. 3, p. 612-622, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa** – 6. ed. – São Paulo : Atlas, 2017.

HERMETO, Edyr Marcelo Costa; SAMPAIO, José Jackson Coelho; CARNEIRO, Cleide. **Abandono do uso de drogas ilícitas por adolescente: importância do suporte familiar**. Revista Baiana de Saúde Pública, 2010, 34.3: 639-652.

LEITE, Ligia Costa; BOTELHO, Adriana Pedreira; LIMA, Bianca. **Evasão escolar, drogas, criminalidade: os descaminhos na adolescência e suas articulações com questões do sujeito**. Revista Educação e Cultura Contemporânea, 2019, 5.10: 45-59.

MALTA, Deborah Carvalho, et al. **Prevalência do consumo de álcool e drogas entre adolescentes:** análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. Revista Brasileira de Epidemiologia, 2011, 14: 136-146.

MATIAS, Carlos Dos Passos Paulo. (2016). **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Criar Educação, 5(2).

MATOS, Anely Marquardt. et al. (2010). **Consumo frequente de bebidas alcoólicas por adolescentes escolares:** estudo de fatores associados. Revista Brasileira de Epidemiologia, 13, 302-313.

MOURA, Fernanda Carminati de, et al. **Uso de álcool relacionado à evasão e o abandono escolar na opinião dos adolescentes.** 2020.

SANTANA, Maria Rosângela; SILVA, Braz Ribeiro; GUIMARÃES, Maria Ivone Pereira. **As causas e consequências da evasão escolar na educação de jovens e adultos.** Semana Acadêmica, 2015, 1: 1-13.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Iniciação à sociologia.** São Paulo. Atual, 1993.

VIEIRA, Denise Leite et al. **Álcool e adolescentes: estudo para implementar políticas municipais.** Revista de Saúde Pública, v. 41, n. 3, p. 396-403, 2007.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** Rio de Janeiro: DP & A, 2004.